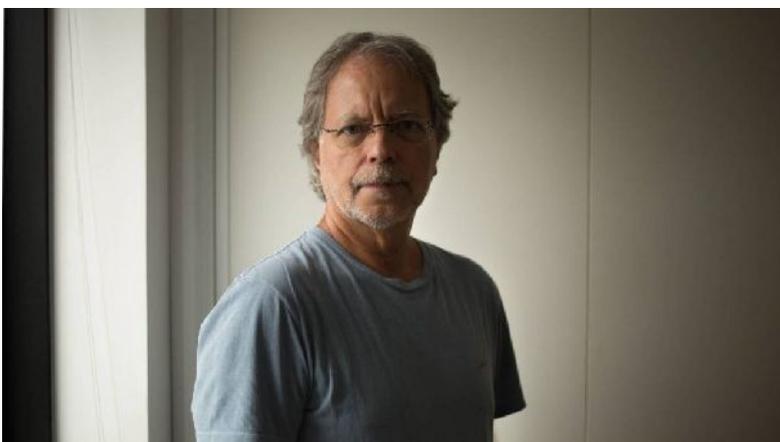


OLHARES DOCENTES

Mia Couto – um construtor de mundos¹

Rosângela Aparecida Marquezi

*Graduação Em Letras Português/Inglês – Mestra em Educação
Docente do Ensino Superior - UTFPR / Campus Pato Branco*



António Emílio Leite Couto, que por usar o nome Mia Couto, em que Mia parece feminino, “[...] chegou a ser tomado como ‘uma escritora negra’” (PIRES LARANJEIRA, 2012, p. 57), é hoje, sem sombra de dúvidas, o escritor moçambicano mais lido

e traduzido. Seu nome em eventos é certeza de público presente, público este que o elevou a uma categoria de personalidade *pop*.

À parte sua popularidade, Mia Couto é também um escritor que domina a palavra com maestria, chegando a brincar com ela, seja na criação de neologismos – quando as que existem não lhe são suficientes para expressar o mundo – seja pela aglutinação inusitada de outras.

Nascido em 1955, na cidade da Beira, em Moçambique, sua obra já foi publicada em mais de vinte e cinco países. É também “[...] correspondente da Academia Brasileira de Letras. Recebeu diversos prêmios de literatura pelo mundo, entre eles [...] o Prêmio Camões em 2013”. (FURQUIM, 2018, p. 348).

Uma de suas principais características na escrita, além das já citadas criações vocabulares, é a busca de uma identidade moçambicana por parte das suas personagens. Busca essa que se reflete na própria vida do autor: homem branco, filho de pais portugueses, que nasceu e vive na África negra, que fez parte da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) durante a guerra civil que após a independência – tardia – sangrou o país.

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Introdução à Literatura de Mia Couto, promovido pela Revista África e Africanidades, no primeiro semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

Essa busca de uma construção de ideia de nação se apresenta permeada de uma linguagem poética que, mesmo mostrando os defeitos do ser humano, trazem “[...] sempre uma nota de ternura e compreensão pelas leviandades da humanidade e o estado calamitoso dos microcosmos narrados.” É por meio dessa linguagem que Mia Couto constrói novos mundos com a língua portuguesa, que ele sempre faz questão de ressaltar em entrevistas que é a “sua língua”, ou seja, é o modo pelo qual ele vê o mundo.

Nessa construção de um novo mundo, em sua escrita:

É também possível perceber uma denúncia ao eurocentrismo imperialista bem como a denúncia dos estereótipos proveniente do tempo colonial e a manutenção de um sentimento de inferioridade, ou seja, uma narrativa que se compromete com o “entre lugar” em que o autor cresceu e que se formou Moçambique. (CAMPOS, apud FURQUIM, 2018, p. 352).

A partir dessas características, é possível afirmar que Mia Couto é um construtor de mundos – ou, talvez, de um mundo em que se respeite o olhar para o passado para o entendimento da história, mas que se olhe para o futuro em um desejo de uma nação que reconheça a verdadeira identidade do povo moçambicano.

REFERÊNCIAS

FURQUIM, Fabiane M. O caminho da nação através do rio e do tempo. Uma análise de Mia Couto (2002). **Revista Vernáculo**. n. 41 – primeiro semestre 2018. p. 345-379. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/52952/34861>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

PIRES LARANJEIRA. Mia Couto – o escritor improvável. **Muitas Vozes**. Ponta Grossa, v.1, n.1, p. 57-62, 2012. p. 57-62. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/3601>>. Acesso em: 10 mar. 2019.